

A ESTRANHEZA DOS SONHOS NARRADA POR CORPOS DISSIDENTES

Larissa Alves do Rêgo¹
Mário Francis Petry Londero²

INTRODUÇÃO

Este trabalho relata a experiência de um grupo de narrativas oníricas com pessoas dissidentes de gênero e sexualidade, realizado no ano de 2022 no Serviço Escola de Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (SEPA/UFRN) na cidade de Natal/RN. O grupo foi ofertado em contexto de estágio por duas estagiárias da graduação em Psicologia.

O SEPA é uma clínica escola que oferece atendimento psicológico individual e em grupo, psicopedagógico e neuropsicológico para a população interna e externa à UFRN. No ano de 2022 foi observada uma demanda significativa de busca de atendimento por pessoas dissidentes de gênero e sexualidade, algumas impossibilitadas de serem absorvidas pelo serviço devido à alta demanda característica deste serviço escola. Assim, compreendendo a necessidade colocada neste contexto, se delineou a oferta de um espaço de cuidado para esta população a partir de outras experiências grupais realizadas no próprio SEPA. Desse modo, o grupo teve como objetivo proporcionar a construção coletiva de escuta e cuidado através das narrativas dos sonhos de pessoas dissidentes de gênero e sexualidade.

A proposta do grupo foi de tomar os sonhos como imagens e narrativas que dizem do laço social em seu potencial de criação e transgressão das dinâmicas coletivas, ao invés de reduzi-los aos conflitos interiores de quem sonha. Assim, a narrativa onírica não é alvo de interpretação, mas de uma construção coletiva de narratividades a partir do que se conhece como a matriz social dos sonhos. A matriz social dos sonhos “é o sistema que está presente em todo o relacionamento social, mas que geralmente não é observado nem conhecido” (LAWRENCE, 2010, p. 25), e implica em produzir análises criadoras e emancipadoras de seus

1 Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Mestranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRN, larissalvsr@gmail.com;

2 Professor orientador: doutor, Departamento de Psicologia – UFRN, mariustry@gmail.com.

participantes a partir do que os sonhos têm de repetição e problematização. Da mesma forma, a partir de pesquisadores da psicanálise brasileira, este grupo foi olhado a partir da ideia de que o sonho é uma expressão do que se opera no laço social, na cultura e política de uma época, o que denominaram como oniropolítica (DUNKER; PERRONE; IANNINI; ROSA; GURSKI, 2021). A oniropolítica auxilia a pensar os sonhos individuais como enunciados coletivos que retratam o que se vive na cultura e em seu lastro político.

As narrativas oníricas, ainda, nos convidam a suportar sua estranheza, seu não-sentido, sua não-direção, sua simplicidade e multiplicidade (SANTOS, 2019). Há algo nos sonhos que esvazia o excesso de sentidos e é neste esvaziamento que habita a força criadora do sonho. A cena onírica nos aproxima do desconhecido e convoca a suportar sua existência. Santos (2019) resgata da cosmovisão do povo Walpiri a concepção de que o sonho contém a potência de criação e transformação de tudo que existe. Assim, o que não se pode perder de vista é olhar para o onírico a fim de escutar o sem-sentido, criar uma nova imagem e expressar o inacabado que ele movimenta a partir das suas cenas. É na aposta disso e no desfazer dos sentidos pré-estabelecidos que a multiplicidade pode comparecer. É preciso deixar-se espantar e encantar pelos elementos oníricos antes mesmo deles tomarem algum significado. Portanto, é com o desconhecido que os caminhos se abrem para o que pode vir, de modo que ele necessariamente convida a inventar uma narrativa que dê contorno às suas imagens. Narrar os sonhos é, também, traçar um caminho a partir do estranho que nos habita. A travessia, como coloca Preciado (2020), é o lugar da incerteza, da não evidência e do estranho.

A experiência dissidente de gênero e sexualidade é sobrecodificada de violência e sofrimento através de uma discursividade científica que reforça a representação patológica destas dissidências (BAÉRE, 2019). A recorrência de metodologias quantitativas que compõem o campo de pesquisas da saúde mental de pessoas dissidentes contribuiu para a proliferação de um discurso em que se afirma que pessoas LGBTQIAPN+ tendem ao adoecimento psíquico e a tentativa de suicídio (BAÉRE, 2019). Diante deste cenário, abrir brechas de emergência de outras narrativas sobre a dissidência é também possibilitar a emergência de vida.

Assim, escutar e narrar os sonhos é o que Ribeiro (2022) resgata com Eliane Brum: “escutar a demanda da vida”. Nessa aposta, o estranho que habita o onírico comporta uma espécie de vida que pode fluir em uma outra narrativa, justamente no convite que o estranho instaura à narrativa e ao movimento. Se nos processos de subjetivação normativos a experiência dissidente é aniquilada em tudo aquilo que desviar e for estranho à norma (LIMA, 2023), impõe-se aqui

o resgate do desvio no registro da estranheza da dissidência como uma potência de vida. Este é um imperativo ético que se propôs no grupo aqui narrado: acompanhar os movimentos de vida que residem na estranheza das narrativas oníricas das pessoas dissidentes.

METODOLOGIA

Para dar início ao grupo, divulgamos um *folder* no *Instagram* do SEPA com a proposta de um grupo de narrativa de sonhos para pessoas LGBTQIAPN+, horário e local de realização do grupo e link para um formulário de inscrição. Buscamos uma estratégia de divulgação para alcançar tanto pessoas que ficaram sem atendimento devido à alta demanda do serviço quanto pessoas que ainda estavam buscando atendimento ou que apenas se interessassem pela proposta.

Realizamos uma entrevista inicial com cada pessoa inscrita para conhecê-las, escutá-las sobre o interesse no grupo e conversar sobre a proposta. Delimitamos um número de 12 participantes, sendo estes os doze primeiros que confirmaram a possibilidade de participação depois das entrevistas iniciais. O número reduzido foi pensado em busca de produzir uma proximidade entre as pessoas participantes, visando a construção coletiva da escuta e do cuidado. Foram realizados encontros semanais ao longo de 8 semanas, com 2 horas de duração cada. O grupo foi composto por pessoas jovens adultas de diferentes posições de dissidência: pessoas trans, travesti, não-binárias, bissexuais, assexuais, lésbicas e gays.

O grupo foi operado ético-metodologicamente a partir da horizontalidade entre as pessoas inscritas e as estagiárias que ofertaram o grupo, visando dissolver uma suposta posição de saber-poder das mediadoras. Isto significa que as estagiárias também participaram do grupo a partir de suas narrativas enquanto pessoas dissidentes de gênero e sexualidade. Assim, ao produzir mediadores-participantes e participantes-mediadores, seria possível experimentar uma posição fluida de participação e mediação. Aliado a isso, a mediação do grupo visava a emergência e a afetação das narrativas entre os participantes e não a interpretação dos conteúdos oníricos compartilhados.

O primeiro encontro foi destinado a uma aproximação inicial entre as pessoas participantes e à produção manual de um diário de sonhos, chamado *sonhário*. O *sonhário* foi pensado para manter um registro pessoal dos sonhos e afetações que acompanhariam cada participante ao longo do grupo. Os encontros seguintes foram destinados às narrativas oníricas utilizando diferentes metodologias. No segundo e terceiro encontro foram realizadas colagens com revistas para mediar as narrativas dos sonhos. No quarto e quinto encontro utilizamos,

sobre o texto escrito dos sonhos, uma técnica de escrita chamada *blackout*, que consiste em apagar algumas palavras de um texto riscando-as, produzindo uma outra narrativa com as palavras que sobram. No sexto e sétimo deslocamos as narrativas para experimentação de montagens de cenas com o corpo: a palavra é distanciada e passamos a narrar com a corporeidade que manifestamos. Por fim, o oitavo – e último – encontro foi destinado a uma reflexão sobre a experiência ocorrida com o suporte dos sonhários.

Através das colagens, narramos os nossos sonhos mais antigos e, no terceiro, sonhos que remetessem à experiência dissidente. Com o *blackout*, a temática de escolha dos sonhos foi livre. No primeiro trabalho corporal, a consigna foi o primeiro sonho que nos ocorresse enquanto estivéssemos em movimento. No segundo, um sonho que nos apresentasse a alguém, dissesse de nós. Esta sequência de metodologias e temáticas foi construída coletivamente, visto que a cada encontro decidia-se como as narrativas oníricas seriam mediadas e qual ou se haveria uma temática para os sonhos no encontro seguinte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A dissidência que atravessava os corpos ali presentes fez emergir uma espécie de intimidade compartilhada entre as pessoas participantes. Junto a isso, a horizontalidade proposta metodologicamente permitiu a emergência de identificações nas escutas e partilhas de narrativas. Ao nos escutarmos, a cena que se delineava no grupo era ora de compreensão ou identificação, ora de risadas e comentários descontraídos – fatores que impulsionaram a construção coletiva dos encontros.

As diferentes maneiras escolhidas para mediar a narrativa dos sonhos permitiu a construção de processos criativos como um outro modo de relacionar-se com o conteúdo onírico. O deslocamento da fala descritiva sobre o conteúdo do sonho para processos criativos de narrativas fez dos sonhos uma estranheza poético-artística. Assim, foi possível construir um distanciamento da racionalização exacerbada e desprendimento dos sentidos pré-estabelecidos a partir da experimentação do não-sentido.

Se inicialmente trabalhamos com palavras e imagens na tentativa de representar os sonhos através das colagens, o *blackout* intensificou o não-sentido do sonho, a surpresa, o inesperado e a possibilidade de encantamento diante da narrativa. A experiência corporal, por sua vez, nos convidou a uma aproximação radical com o sentir, ao permitir que os sonhos atravessassem nossos corpos e movimentos. Em todas estas experiências, contudo, ressaltamos a construção

coletiva das narrativas, como mencionado pelas pessoas participantes no último encontro: escutar/vivenciar as narrativas oníricas, afetações e experiências de cada pessoa produzia desvios nos sentidos estabelecidos anteriormente às experiências oníricas. Ressalta-se, portanto, não somente a construção coletiva dos encontros, mas também das narrativas.

No último encontro do grupo, dedicado a uma conversa e reflexão sobre a experiência construída, as pessoas participantes relataram a importância do grupo para elas, seja pelo acolhimento e fortalecimento sentidos, seja pela abertura pela qual passaram a se relacionar com a estranheza dos sonhos. Uma participante brincou ao dizer “eu tinha medo de chegar aqui e vocês pedirem para a gente contar 3 traumas nossos”, destacando gostar do grupo justamente por, ao reunir pessoas dissidentes de gênero e sexualidade, ser possível tematizar e experienciar outros sentimentos além das dores e violências que atravessam a dissidência.

Escutar e produzir visibilidade para outros processos além da vulnerabilização e sofrimento dos corpos dissidentes é criar furos na discursividade que patologiza esta experiência. O contato com a dupla estranheza desta experiência, isto é, a dos sonhos e a da experiência dissidente, permite a emergência de movimentos que impulsionam e reacendem a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência aqui relatada revela a construção de uma narrativa outra sobre a dissidência, não focada nos processos de adoecimento, mas nas experiências compartilhadas a partir da sustentação coletiva da estranheza. Portanto, uma vez que a experiência dissidente é sobrecodificada de violência, processos de vulnerabilização e sofrimento, o grupo permitiu a abertura da potencialidade da estranheza dissidente na sustentação coletiva do não-sentido através sonhos.

O vínculo criado entre as pessoas participantes serviu como impulsionador dos processos grupais, refletindo a naturalidade da construção coletiva das narrativas oníricas, mas também do grupo em si. A posição de não interpretação sustentada permitiu o encontro das afetações das pessoas participantes na dinâmica de escuta e narrativa.

Contudo, ressaltamos o desafio de produzir um modo de acompanhar os processos grupais coletivamente. O sonhário, ferramenta fabricada e utilizada para registro de sonhos e de afetações, teve adesão de poucas pessoas participantes. Portanto, ele foi aproveitado por pessoas que já tinham a escrita (dos sonhos ou

não) como um hábito pessoal. Ainda que com pouca adesão, os sonhos que foram utilizados auxiliaram na construção e reflexão sobre esta experiência.

Diante das considerações realizadas, entende-se que a produção de cuidado se deu pelo espaço dado à emergência dos processos de vida, uma vez que escutar os sonhos comporta a possibilidade de fazer a vida encontrar caminhos de manifestação. Fazer emergir o não-sentido significa produzir aberturas nos sentidos pré-estabelecidos, seja sobre o onírico, seja sobre a experiência dissidente compartilhada no grupo experienciado. Isto é, criar novas narrativas para que outros mundos possam comparecer.

Palavras-chave: Oniropolítica; Dissidência; Estranheza.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

BAÉRE, F. A Mortífera Normatividade: o silenciamento das dissidências sexuais e de gênero suicidadas. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S.L.], v. 2, n. 5, p. 128-140, 12 dez. 2019. Pimenta Cultural. <http://dx.doi.org/10.31560/2595-3206.2019.5.9935>.

DUNKER, C.; PERRONE, C.; IANNINI, G.; ROSA, M. D.; GURSKI, R. (org.). **Sonhos confitados**: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LAWRENCE, W. G. **O sentido Social dos Sonhos**: a técnica da matriz. São Paulo: Summus, 2010. Tradução Moysés Campos de Aguiar Neto. Revisão técnica Gloria Hazan.

LIMA, V. M.; BEDÊ, H. M.; ROCHA, G. M. Butler e a Psicanálise: Do Fracasso das Normas à Estranheza do Gozo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, p. e248976, 2023.

PRECIADO, P. B. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

RIBEIRO, S. Sonhar o futuro da vida. In: RIBEIRO, S. **Sonho Manifesto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p. 89-104.

SANTOS, A. O. A tecnologia de gestão coletiva dos sonhos. **Fractal**: Revista de Psicologia, [S.L.], v. 31, n. 1, p. 27-34, 22 fev. 2019. Pró-reitora de Pesquisa, Pós Graduação e Inovação - UFF. <http://dx.doi.org/10.22409/1984-0292/v31i1/5570>.